

ACTAS DEL XII CONGRESO DE ARCHIVOLOGÍA DEL MERCOSUR

TOMO 4 FORMACIÓN ARCHIVÍSTICA



RED de ARCHIVEROS
graduados de Córdoba

XII Congreso de Archivología del Mercosur

"Archivos y Archiveros en la Sociedad del Conocimiento"

Sofia Y. Brunero
Mariela A. Contreras
Florescia Moyano
Juan Thomas
Compiladores



Editorial de la Red de Archiveros Graduados de Córdoba

Actas del XII Congreso de Archivología del MERCOSUR / Angelly Arancibia Noriel ... [et al.] ; compilado por Sofía Brunero ... [et al.]. - 1a ed . - Córdoba : Redes, 2017.

Libro digital, PDF

Archivo Digital: descarga y online

ISBN 978-987-46377-3-4

1. Archivología. 2. Gestión de Archivos. 3. Acceso a la Información. I. Arancibia Noriel, Angelly II. Brunero, Sofía, comp.
CDD 027

Fecha de catalogación: octubre 2017

Compiladores: Sofía Y. Brunero, Mariela A. Contreras, Florencia Moyano, Juan Thomas.

Diseño de portada: Noelia Garcia



Redes

Editorial de la Red de Archiveros Graduados de Córdoba

Mail: editorial.ragcba@gmail.com

Página web: redarchiveroscordoba.com/editorial/redarchiveroscordoba.com



El acceso a los archivos en la sociedad del conocimiento. Apreciaciones desde la Argentina del siglo XXI, por REDES – Editorial de la RED DE ARCHIVEROS GRADUADOS DE CORDOBA se distribuye bajo una Licencia Creative Commons Atribución – No Comercial – Sin Obra Derivada 4.0 Internacional.

ISBN 978-987-46377-3-4



9 789874 637734

Eje Temático
Formación Archivística

Coordinadora: Ana Célia Rodrigues (Brasil)

Relatora: Andrea Rosa Tibaldo (Argentina)

Emilia María Vargas Solís (Costa Rica):

Nuestro camino recorrido como archivistas.----- pág. 5

María de los Ángeles Pérez Macuil (México):

Tendencias que determinan el perfil profesional de archivistas en México.----- pág. 26

Thiara dos Santos Alves, Helena Maria Tarchi Crivellari (Brasil):

Arquivistas brasileiros: panorama da formação e dos estudos recentes sobre o mercado de trabalho.----- pág. 40

Gustavo Kalil Cadaval, Ana Célia Navarro de Andrade (Brasil):

Importância do saber arquivístico na sociedade do conhecimento.----- pág. 56

Norma San Nicolás, Karin Domínguez Pelizza (Argentina):

La formación especializada del profesional en archivos y centros de documentación audiovisual y su aporte a la investigación de la historia reciente----- pág. 69

Maria Alcione Munhoz, Rosani Beatriz Pivetta da Silva (Brasil):

O curso a distância de gestão em arquivos da UFSM: relato de experiência da disciplina educação, identidade e diferença.----- pág. 79

Rosanara Pacheco Urbanetto, Tatiana Costa Rosa (Brasil):

Estudantes do Curso de Arquivologia da UFSM: uma escolha, múltiplas motivações.----- pág. 89

Sânderson Lopes Dorneles (Brasil):

O uso da rede social educativa EDMODO no ensino de arquivologia.----- pág. 104

Fernanda Frasson Martendal (Brasil):

A difusão da informação arquivística e suas expressões no ensino de Arquivologia no Brasil.----- pág. 119

Lorena Santos, Clarissa Schmidt (Brasil):

Análise do Ensino da “Classificação de documentos de Arquivo” nos cursos de Arquivologia do Brasil.----- pág. 135

Natália Bolfarini Tognoli, Adriana Pereira de Azevedo Marques (Brasil):

A Diplomática como disciplina formativa ao arquivista contemporâneo: uma análise a partir dos cursos de graduação em Arquivologia do Brasil.----- pág. 149

- Aníbal Bejarano, Gladys J. Gómez, Natalia V. Britez (Argentina):
*Archivos de instituciones educativas en la Provincia de Chaco:
necesidades y oportunidades para la institución y la comunidad.*----- pág. 166
- Estela Graciela Vega, Maria José Vanni (Argentina):
Experiencias de alfabetización archivística en grupos difusos de interés.----- pág. 183
- Thayron Rodrigues Rangel, Raquel Oliveira Melo, Rodolpho Guimarães
Pereira (Brasil):
*Encontro Nacional dos Estudantes de Arquivologia no Brasil:
20 anos de pesquisa e construção sócio-profissional.*----- pág. 195
- Valéria Raquel Bertotti, Francisco Alcides Cougo Junior (Brasil):
Programa de aperfeiçoamento, estudo e pesquisa em arquivos: uma experiência.----- pág. 209

XII CONGRESSO DE ARQUIVOLOGIA DO MERCOSUL

“Arquivos e arquivistas na sociedade do conhecimento”

Córdoba, Argentina, 26 a 29 de setembro de 2017

EIXO TEMÁTICO: FORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA

Importância do saber arquivístico na sociedade do conhecimento

Gustavo Kalil Cadaval¹

Ana Célia Navarro de Andrade²

RESUMO

O trabalho desenvolvido no Centro de Documentação e Informação Científica (CEDIC) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), principalmente no que tange ao tratamento documental de seu acervo, tanto físico quanto digital, demanda conhecimentos teóricos e práticos de sua equipe, que é constituída por profissionais da área e estagiários oriundos dos cursos de graduação em História e em Ciências Sociais da Universidade. Neste sentido, a capacitação na área arquivística é fundamental para que esses alunos realizem adequadamente suas atividades de estágio.

O objetivo deste trabalho é apresentar a experiência de um aluno de graduação em Ciências Sociais que realiza estágio no Centro de Documentação da PUC-SP, para o qual são necessários conhecimentos específicos da área da Arquivologia, e fazer a correlação entre o curso e o estágio. Para tanto, não se pretende descrever as atividades realizadas no estágio com detalhes, mas sim, refletir sobre a importância e o significado das mesmas tanto para o curso de Ciências Sociais, quanto para a sociedade do conhecimento.

Palavras Chave: Formação complementar. Experiência em Centros de Documentação. Desafios no entorno digital.

INTRODUÇÃO

O Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho” (CEDIC) foi criado pela Reitoria da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) por meio da Resolução N°87, de 05 de setembro de 1980, diretamente vinculado à Vice-Reitoria Acadêmica. De acordo com o artigo 2º da referida Resolução, o CEDIC tinha por finalidade

¹ Centro de Documentação e Informação Científica - CEDIC/PUC-SP. E-mail: gkcadaval@pucsp.br

² Centro de Documentação e Informação Científica - CEDIC/PUC-SP.. E-mail: anavarro@pucsp.br

“dinamizar o processo da informação científica, para fins acadêmicos, através da localização da informação disponível, de projetos específicos para elaboração das informações não disponíveis e do estabelecimento dos perfis dos usuários”. Era, portanto, um centro de referências da Universidade.

Com o passar dos anos, o perfil do CEDIC foi reestruturado e a partir de 1986, além de centro referenciador de informações, passou também a acumular, tratar, conservar, descrever e disponibilizar acervo. Hoje atua como órgão de apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão, possuindo um dos melhores programas de estágio da Universidade. Esse programa foi elaborado conjuntamente pela equipe técnica e pela coordenação do Centro com vistas à formação complementar do aluno de graduação dos cursos de História e Ciências Sociais da PUC-SP.

Todo estagiário do CEDIC, antes de sua contratação, passa por um processo de seleção constituído por duas etapas. A primeira delas é eliminatória, constituída por um teste escrito, dividido em redação e em três exercícios de descrição documental. Os aprovados passam para a etapa seguinte, que é classificatória. Nessa fase, após análise da prova escrita, bem como do histórico escolar e do currículo previamente encaminhados ao Centro de Documentação, a coordenação e um dos membros da equipe técnica entrevistam os candidatos para traçar o perfil de cada um deles e verificar quem será selecionado. Os candidatos são, então, classificados e destinados às vagas disponíveis de acordo com seu perfil.

De acordo com a Lei nº 11.788, de 25/09/2008, lei de estágios vigente no Brasil, e com o Ato Conjunto da Reitoria da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e dos Secretários Executivos da Fundação São Paulo – FUNDASP Nº 07/2014, de 10/12/2014, a carga horária mínima para a realização de estágio é de 4 (quatro) horas por dia, e a máxima, de 6 (seis) horas, por um período de 01 (um) ano, podendo o mesmo ser prorrogado por igual período. Devido a esse curto espaço de tempo, os projetos desenvolvidos pela equipe técnica do CEDIC sofreram forte impacto no quesito pessoal, uma vez que a cada ano, no máximo dois, é necessário substituir pelo menos um estagiário de cada um deles. Com isso, os prazos de cada projeto acabam se prolongando mais do que o esperado, pois a cada estagiário contratado são necessários cerca de três meses para seu treinamento teórico e prático, até que o mesmo esteja apto a realizar as atividades de maneira autônoma.

Assim ocorreu com Gustavo Khalil Cadaval, aluno do curso de graduação em Ciências Sociais, que realiza estágio com o arquivo do Comitê de Defesa dos Direitos Humanos para os Países do Cone Sul – Fundo Clamor. Esse projeto tem como objetivos a organização física dos documentos desse arquivo, sua digitalização, descrição e disponibilização *online* por meio da plataforma DSpace.

Cerca de 90% (noventa por cento) da documentação arquivística que compõe o Fundo Clamor encontra-se digitalizada, e aproximadamente 70% (setenta por cento), descrita.

Além da documentação arquivística, o Clamor possui quantidade considerável de livros e periódicos produzidos por terceiros, acumulados no decorrer da trajetória do Comitê, que trazem informações e relatos importantes sobre as ditaduras do Cone Sul, as violações dos direitos humanos e os desaparecimentos forçados, entre outros. Esse material servia de apoio às ações praticadas pelo Clamor, que eram basicamente três: dar assistência aos refugiados não reconhecidos pelo ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados; divulgar todas as denúncias colhidas no contato com os refugiados, bem como as que chegassem ao conhecimento da equipe; e, estabelecer contatos com entidades internacionais e nacionais atuantes na mesma área: *Servicio Paz y Justicia* (Uruguai); *Abuelas e Madres de Plaza de Mayo* (Argentina); *Vicaría de Solidaridad* (Chile), entre outras. E foi no desenvolvimento dessas ações que a equipe do Clamor teve participação ativa no processo de localização e reencontro dos irmãos Anatole e Vicky Grissonas, sequestrados na Argentina, com seus avós.

Inicialmente, o trabalho de Gustavo seria revisar os arquivos digitais produzidos pela equipe que o antecedeu e dar continuidade ao processo de digitalização dos documentos. No entanto, com a decisão de fazer a classificação funcional da então série Correspondência, a fim de facilitar a identificação, a descrição e a recuperação desses documentos, Gustavo ficou responsável pela leitura das cartas e pela identificação da função que cada uma delas representava. Essa tarefa gerou algumas reflexões, não apenas do ponto de vista arquivístico, mas do ponto de vista sócio-político. A partir daí, outras reflexões vieram à tona, entre as quais uma ampla discussão sobre a importância do saber arquivístico na Sociedade do Conhecimento.

METODOLOGIA - A SOCIEDADE DO CONHECIMENTO E O CLAMOR

A visão interdisciplinar na Sociedade do Conhecimento é extremamente necessária, uma vez que a produção científica se mistura aos diversos campos do saber; no entanto, ainda há lugares onde a falta de interdisciplinaridade é vista como algo não inquietante para algumas pessoas.

A Sociedade do Conhecimento é caracterizada pela mudança significativa do acesso à informação e do conhecimento, o que ocasiona uma mudança drástica nas relações de trabalho. Isso se dá pelas novas necessidades de desenvolvimento do capitalismo, uma vez que a força de trabalho predominante nos países ricos e capitalistas vai precisar mais de serviços onde exista uma base intelectual na força de trabalho. Por não mais trabalhar com as mãos, o martelo e a chave de fenda são substituídos por papel, caneta, mouse e teclado. A razão disso sobrepassa toda a ideia de capital

humano³, onde o sujeito não executa mais seu trabalho como Chaplin o fazia em “Tempos Modernos” (1936), no qual o trabalhador agora desempenha uma função diferente daquela de apertar parafusos; ou seja, ele se torna refém de seu próprio conhecimento, pois uma vez que este é determinante de seu futuro dentro da sociedade do conhecimento, o que vale é a sua capacidade de vender sua mão de obra qualificada.

Diante disso, toda uma estrutura escolar formulada no século XIX tem de ser alterada para atender as novas necessidades de capacitação dessa mão de obra. O que importa é como o conhecimento é transmitido dentro desta sociedade, uma vez que o mesmo, ensinado de uma forma positivista, é totalmente fechado dentro de pequenos campos do saber, visando à especialização de certa área. Sendo assim, a massificação desse processo de difusão do conhecimento só atenta para uma visão de mundo fechada, a qual irá, então, ampliar-se diante dos diversos campos do conhecimento das Ciências Humanas. E seguindo os passos da divisão do trabalho, que especifica e individualiza funções, as Ciências Humanas, que já se reproduziam nesses moldes positivistas, vão continuar por essa linha, pois o que está em jogo na Sociedade do Conhecimento é o avanço na competitividade e o desenvolvimento de novas tecnologias, tanto de poder como de produção, sendo a problemática dessa especialização o assujeitamento de diversas ciências a problemas específicos de mercado. Todo esse processo restringe o campo do conhecimento e nos leva a uma visão de mundo limitada a alguns campos do saber.

“De fato, a hiperespecialização impede de ver o global (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui). Ora, os problemas essenciais nunca são parceláveis, e os problemas globais são cada vez mais essenciais. Além disso, todos os problemas particulares só podem ser posicionados e pensados corretamente em seus contextos; e o próprio contexto desses problemas deve ser posicionado, cada vez mais, no contexto planetário” (MORIN, 2003, p 14).

Em contraponto a essa visão positivista da ciência e do conhecimento fragmentado, evidencia-se a importância da interdisciplinaridade, a qual produz um conhecimento contra o conhecimento, pelo fato de proporcionar uma visão diferente de mundo, por agregar diversas disciplinas e, assim, evitar que haja uma visão voltada ao positivismo, o qual rege a ideia do

³ De acordo com Michel Foucault, em “O Nascimento da Biopolítica”, capital humano seria toda a nova mão de obra que deixa de ser “não-econômica” para tornar-se “econômica”, ou seja, capacitar-se e internalizar a ideia de sujeito-empresa que, agora, tem a responsabilidade de se qualificar como uma empresa que busca sempre agregar valor ao seu produto através da implantação de novas tecnologias; no caso do trabalhador, trata-se da mão de obra mais especializada.

conhecimento necessário na formação do capital humano. É importante ressaltar que essa mesma ciência positivista, também estava presente naquilo contra qual o Clamor resistia: as ditaduras do Cone Sul, que visavam o progresso econômico da sociedade, e se utilizavam de ações extremas, como a ‘eliminação sumária’ de indivíduos que resistiam a esse modelo de sociedade positivista. Vale ressaltar o caráter positivista da ditadura brasileira por usar lemas como “Amor, Ordem e Progresso”, frase do filósofo Augusto Comte, conhecido como “pai do positivismo”.

O Clamor surge com o ímpeto de ajudar as vítimas das ditaduras da América Latina. Para entender melhor o funcionamento do Comitê, é necessário recorrer à Teologia da Libertação e a Dom Paulo Evaristo Arns. A primeira surge de setores da Igreja Católica na América Latina, em meados do século XX, que começaram a ter um entendimento diferente das ações e do papel da Igreja na sociedade, uma vez que a instituição se dizia responsável pela salvação da alma de seus “fiéis” e, com as ditaduras nos países do Cone Sul, viram as condições materiais e sociais da vida de seus fiéis, tanto no campo quanto na cidade, serem degradadas, e grupos da sociedade civil serem perseguidos. Essa conjuntura político-social fez com que acontecesse uma mudança na teologia praticada por estes religiosos que se identificavam com as causas de seus fiéis cristãos.

Dom Paulo estava entre os adeptos da Teologia da Libertação, e atuava diretamente na defesa de grupos e indivíduos perseguidos e torturados pelas ditaduras do Cone Sul, o que foi fator determinante para seu apoio incondicional à criação do Clamor, em 1978. Este surge da união de três pessoas: Jan Rocha, jornalista inglesa que morava no Brasil desde 1969, Luiz Eduardo Greenhalgh, advogado que atuava na luta pela defesa dos direitos humanos, e Reverendo Jaime Wright, pastor presbiteriano que morava em São Paulo.

A relação de Jaime Wright com Greenhalgh começou quando o Reverendo procurou o advogado para ajudá-lo na busca por seu irmão Paulo Wright, que desapareceu após ter regressado ao Brasil do exílio no México. Paulo Wright era deputado por Santa Catarina e em 1964 teve seu mandato cassado pela ditadura. Em 1973, quando desapareceu, era dirigente da Ação Popular Marxista-Leninista, o que demonstra o caráter de perseguição aos grupos de resistência à ditadura, considerados subversivos pelos governos militares e, portanto, submetidos a sequestros, torturas e assassinatos nos porões das delegacias do DOPS (Departamento de Ordem e Política Social). Jan Rocha e Jaime Wright se conheceram quando a jornalista o entrevistou sobre o desaparecimento de seu irmão.

Em decorrência desse encontro, a jornalista, o pastor e o advogado começaram juntos uma militância pela causa dos direitos humanos, quando pediram auxílio a Dom Paulo Evaristo Arns para a criação de um Comitê com a finalidade de ajudar os refugiados das ditaduras da América Latina. Dom Paulo concordou imediatamente com a ideia e, assim, o Comitê de Defesa dos Direitos Humanos para os Países do Cone Sul foi criado, vinculado à Comissão Arquidiocesana de Direitos Humanos e Marginalizados de São Paulo, tendo como sede uma pequena sala no prédio da Cúria Metropolitana de São Paulo.

“Com atuação de destaque na defesa dos direitos de presos e perseguidos pelos regimes ditatoriais no Cone Sul, entre o final dos anos 1970 e os anos 1980, e buscando divulgar as denúncias colhidas no contato com os refugiados e familiares de desaparecidos para o maior número possível de pessoas e instituições, o Comitê iniciou, em junho de 1978, a publicação do Boletim Clamor. Para cumprir seus objetivos, o boletim foi editado em três línguas: português (voltado aos brasileiros e à imprensa nacional), espanhol (direcionado às entidades de Direitos Humanos latino-americanas, familiares e amigos dos refugiados) e inglês (para as entidades europeias e da América do Norte). Não havia assinaturas. Todas as edições do boletim e de outras publicações, bem como as atividades do Grupo foram financiadas por organismos internacionais como o Conselho Mundial de Igrejas” (ANDRADE, 2013, p 106).

As atividades do Comitê seguiam o ideal de que *Solidariedade não tem fronteiras*, frase que se tornaria *slogan* do grupo, demonstrando os valores sociais nos quais se pautava. Dessa forma, a ação internacional era muito recorrente, dado que as denúncias de desaparecimentos forçados vinham de todos os países da América Latina. O Clamor, então, além de denunciar as atrocidades cometidas por esses governos, saía em busca de informações que pudessem ajudar os familiares de desaparecidos e mortos pelos regimes do Cone Sul.

A produção e a divulgação de boletins, a troca de correspondência e de publicações, bem como de outros tipos de documentos, são registros das ações tanto do Clamor, como de outras entidades com as quais o Comitê se correspondia. Esse intercâmbio de informações e de publicações, além dos inúmeros pedidos de ajuda que não paravam de chegar, seja por carta ou pessoalmente,

fizeram com que crescesse ainda mais o interesse do Clamor em conhecer e a vontade de ajudar os refugiados das ditaduras militares que se encontravam no Brasil e nos países vizinhos.

Quase dois anos após o encerramento oficial das atividades do grupo, parte dos documentos acumulados pelo Comitê ao longo de sua trajetória foi doada ao CEDIC da PUC-SP, nos primeiros meses de 1993. Entre o final da década de 1990 e o início dos anos 2000, além da doação de documentos avulsos realizada por ex-integrantes do Comitê, a parcela desse arquivo que se encontrava sob a custódia do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo foi anexada ao restante da documentação, fazendo com que o Fundo Clamor se tornasse o mais completo possível.

O arquivo do Clamor conta com grande quantidade de documentos que abordam a luta pelos direitos humanos nos países do Cone Sul, especialmente na Argentina e no Chile, tornando-se de extrema importância tanto para o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos, quanto para a comprovação de direitos de ex-presos políticos, bem como de familiares de mortos e desaparecidos.

Desde 1995, a descrição sumária do Fundo Clamor integra o Guia do CEDIC, fazendo com que o arquivo seja muito consultado. A partir de 2001, com a defesa da dissertação de mestrado da historiadora do Centro de Documentação, Ana Célia Navarro de Andrade, que elaborou o primeiro inventário do Fundo Clamor, o acesso aos documentos ficou mais fácil, apesar de sua precária organização física⁴.

Devido à relevância dessa documentação, em 2007 o Fundo foi nominado Memória do Mundo pelo Comitê Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da UNESCO⁵. Com a nomeação, conseqüentemente ocorreu o aumento do número de consultas ao Fundo e a responsabilidade do CEDIC para com sua preservação. Neste sentido, em 2010 o Centro de Documentação submeteu ao Ministério de Cultura da Espanha projeto para a aquisição de materiais de consumo específicos para a higienização e o acondicionamento do Fundo Clamor, por meio do Programa ADAI (*Apoyo al Desarrollo de Archivos Iberoamericanos*). Esse projeto foi realizado em 2012, mesmo ano no qual o Fundo foi nominado Memória do Mundo pelo Comitê Regional América Latina e Caribe (MoWLaC). Nessa mesma data, o projeto⁶ para a digitalização dos documentos do Fundo Clamor foi aprovado pela FAPESP⁷. Com duração de dois anos e meio, teve início efetivo em

⁴ Durante a realização do mestrado, o Centro de Documentação da PUC-SP passou por reforma de suas instalações físicas, fazendo com que todo o acervo, inclusive o Fundo Clamor, ficasse indisponível para os pesquisadores durante dois anos. Com isso, a historiadora não pôde realizar o arranjo físico dos documentos em suas respectivas séries, nem contabilizá-los. Por esse motivo, a primeira versão do inventário foi elaborada a partir das informações coletadas no decorrer da pesquisa, sem a possibilidade de revisão e/ou complementação das mesmas.

⁵ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

⁶ Projeto “CLAMOR: documentação e memória de um Comitê pelos Direitos Humanos no Cone Sul”, coordenado pela Profª. Dra. Heloísa de Faria Cruz (CEDIC/PUC-SP), de 11/2012 a 04/2015.

⁷ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

março de 2013 e perdurou até abril de 2015. Nesse meio tempo, o Fundo Clamor recebeu sua última nomeação pelo Programa Memória do Mundo da UNESCO, dessa vez como Memória do Mundo Internacional (2015). Mesmo com o término do financiamento da FAPESP, o projeto continua em andamento, atualmente com os estagiários Gustavo Khalil Cadaval (graduação em Ciências Sociais) e Gabriela Sacche Salles (graduação em História).

O estágio desenvolvido com o Fundo Clamor visa à classificação e à digitalização da correspondência produzida e acumulada pelo Comitê durante sua existência (1977-1990). Para esse trabalho, além do conhecimento sobre a história do Clamor, sua estrutura, atividades e funções, o estagiário também precisa conhecer a metodologia arquivística empregada para a organização do Fundo. Por isso, ao iniciar o estágio no CEDIC todo aluno contratado recebe treinamento teórico e prático na área arquivística, além de acompanhamento permanente durante o período no qual permanecer no estágio.

Nesse trabalho será analisada a capacitação, teórica e prática, oferecida ao aluno durante o estágio, para que ele possa desempenhar satisfatoriamente suas atividades com a documentação, enfatizando sua importância como conhecimento agregado ao curso escolhido para sua graduação, no caso, Ciências Sociais.

OBJETIVOS

Visto que a sociedade do conhecimento vem se expandindo, a acessibilidade a documentos pelo maior número de pessoas é essencial nos dias de hoje. Pode-se afirmar, portanto, que o conhecimento da teoria e da prática arquivísticas, principalmente quando se pensa em organização e disponibilização de um acervo para consulta presencial ou *online*, é fundamental para essa sociedade, demonstrando ainda a importância da interdisciplinaridade e do conhecimento agregado por meio da formação complementar representada pelo estágio para os cursos de graduação da área de humanidades.

Esse caráter complementar da formação em Arquivologia para o curso de Ciências Sociais, assim como para o de História também, dá-se pelo fato de na cidade de São Paulo ainda não existir o curso de graduação na área, fazendo com que a Arquivologia tenha pouca visibilidade enquanto como ciência autônoma.

O fato é que o conhecimento, mesmo introdutório, da Arquivologia enriquece o entendimento de outras áreas por proporcionar não apenas uma visão geral do acervo, mas por permitir o contato direto com os documentos, contato esse que, muitas vezes, é desconhecido pelos alunos. Em grande parte dos cursos de graduação em História e em Ciências Sociais existentes no Brasil, por exemplo,

os alunos só vão ter contato com documentos de arquivo se estiverem participando de projetos de iniciação científica ou no último ano, quando estiverem desenvolvendo seus trabalhos de conclusão de curso. Portanto, pode-se dizer que nesses cursos de graduação apenas parte da cadeia de aprendizado tem acesso aos documentos, ou seja, o professor e o pesquisador (aluno com projeto de iniciação científica ou elaborando TCC⁸). Por isso, estágios realizados em Centros de Documentação como o CEDIC são fundamentais para ampliação do conhecimento dos alunos dos cursos de graduação em História e em Ciências Sociais.

O fato de haver essa interdisciplinaridade no estágio oferecido pelo CEDIC fez com que os alunos que por ali passaram tivessem uma formação mais completa e global, o que contribuiu para que muitos deles se destacassem nessa área, tornando-se, além de profissionais atuantes em arquivos e centros de documentação e de memória, docentes em cursos de extensão, graduação e pós-graduação em Arquivologia.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Apesar deste trabalho tratar basicamente da observação do desenvolvimento do estágio realizado no CEDIC/PUC-SP, pode-se afirmar que um primeiro resultado já alcançado é o conhecimento adquirido por meio da capacitação recebida. Essa capacitação, somada às atividades práticas realizadas durante o estágio, gerou novas experiências e, por consequência, novos saberes, principalmente no que diz respeito ao tratamento de documentos de valor histórico, o que possibilitou o conhecimento da história do Comitê, de sua estrutura, bem como das funções desempenhadas no decorrer de sua trajetória. Possibilitou ainda o entendimento da importância desse conhecimento prévio para o desenvolvimento de atividades como, por exemplo, a classificação da correspondência e a descrição das séries documentais.

O Fundo Clamor reúne diversos documentos sobre os Direitos Humanos na América Latina devido ao fato do Comitê trocar intensamente publicações e informações com outras entidades que realizavam ações na mesma linha de defesa dos refugiados e dos direitos políticos.

No período em que o Clamor atuou (1978 a 1991), diversos fatos marcaram a vida da população dos países do Cone Sul, como por exemplo, a chamada Operação Condor.

A Operação Condor foi silenciosa e passou despercebida por muito tempo. Poucos tinham real entendimento do que significava essa Operação, qual seu alcance no continente americano e sua relação com as Políticas de Segurança Nacional. Alguns acontecimentos, no entanto, podiam chamar

⁸ Trabalho de Conclusão de Curso.

mais atenção, como descreveu Jan Rocha em artigo publicado sobre a Operação Condor no jornal O Estado de São Paulo (Estadão *online*). Nele, Jan Rocha escreve sobre o caso dos irmãos Anatole e Vicky⁹:

“Em maio de 1979, uma assistente social chilena que trabalhava num orfanato em Valparaíso decidiu passar férias na Venezuela. Em Caracas, viu no jornal La Nación um artigo sobre crianças desaparecidas na Argentina após o golpe de 76. O texto era ilustrado com fotografias em preto e branco. Ela não conseguiu acreditar no que via: os rostos dos irmãozinhos que tinham sido abandonados numa praça de Valparaíso três anos antes, e levados depois para o orfanato. Por meio de grupos de exilados uruguaios, a notícia da descoberta da assistente social chegou até María (codinome de Mariela Salaberri), exilada política uruguaia que vivia em São Paulo. Numa manhã de maio, ela me ligou entusiasmada: "Jan, encontramos Anatole e Vicky". Eu participava do Clamor, um pequeno grupo ecumênico criado um ano antes para ajudar os refugiados políticos que afluíram a São Paulo depois dos golpes militares no Chile, Uruguai e Argentina, e denunciar as atrocidades cometidas naqueles países. Em nossos boletins, publicávamos listas de crianças desaparecidas - entre elas, Anatole e Victoria Julien Grissonas, que tinham respectivamente 4 anos e 1 ano e meio quando desapareceram, com seus pais. Na ocasião, a casa deles em Buenos Aires foi invadida por uma equipe conjunta de forças de segurança argentinas e uruguaias, em setembro de 1976. Apressadamente, convoquei uma reunião do Clamor - o reverendo Jaime Wright, os advogados Luiz Eduardo Greenhalgh e Fermino Fecchio, o padre Roberto Grandmaison, a irmã Michael Mary Nolan, a professora Teresa Brandão. Ficamos entusiasmados, mas cautelosos. Seria realmente verdade? A assistente social - que não quis dizer seu nome - poderia estar enganada? Como as duas crianças podiam estar a quase 200 quilômetros do lugar em que sumiram?” (Rocha, 2008).

⁹ Anatole e Vicky foram sequestrados pela ditadura argentina. Os irmãos eram filhos de pais uruguaios que viviam em Buenos Aires, fugidos da ditadura que governava o Uruguai. Os pais de Anatole e Vicky foram assassinados pela ditadura argentina. Ambos eram crianças muito pequenas quando foram sequestrados pelos militares argentinos.

Acontecimentos como este, relatado por Jan Rocha, demonstram como os governos das ditaduras estavam ligados e se ajudavam na luta contra os considerados subversivos e inimigos nacionais. Toda essa perseguição internacional quebrava com as premissas nacionalistas das ditaduras, ou seja, de nacionalista só o discurso, pois havia toda uma coordenação que vinha dos Estados Unidos e de sua política anti-revolucionária em toda a América Latina.

Além do Clamor, existiam outras entidades que ajudavam os que resistiam às ditaduras, como também havia grupos de familiares de presos e desaparecidos que se organizavam para encontrar seus filhos, netos e demais parentes. Na Argentina, houve a formação de um dos principais grupos que, ainda hoje, se mobiliza em busca de seus parentes desaparecidos: as *Abuelas de Plaza de Mayo*. As *Abuelas* lutavam, e ainda lutam, para encontrar seus netos sequestrados e desaparecidos. Esses sequestros eram o principal *modus operandi* das ditaduras latino-americanas, principalmente na Argentina: casas eram invadidas e famílias inteiras eram levadas para os centros de detenção, oficiais ou clandestinos. Muitas vezes, os pais eram assassinados em casa, na frente de seus filhos que, por sua vez, eram levados para outros países, onde eram adotados, em geral, por famílias de militares. Estima-se que na Argentina 500 (quinhentas) crianças foram sequestradas. Dessas, muitas nasceram nos centros de detenção clandestinos e seus familiares nunca as conheceram.

Entidades como as *Abuelas de Plaza de Mayo* e o Clamor exerceram importante papel na luta contra as ditaduras do Cone Sul, não só denunciando as violações dos direitos humanos e os crimes cometidos por essas ditaduras, mas também prestando ajuda tanto a refugiados, quanto às demais entidades, constituindo, assim, uma grande rede internacional de resistência e de solidariedade, que foi muito além do território americano.

Portanto, o estágio que vem sendo desenvolvido com o Fundo Clamor tem possibilitado mais que o conhecimento da história do Comitê. A partir da trajetória e do arquivo do Clamor foi possível conhecer um pouco mais a história do Brasil e sua relação com os países do Cone Sul nesse período. O contato direto com os documentos que integram o Fundo Clamor permite que se entenda a importância dos arquivos para a pesquisa, seja em que área for. Além disso, esses documentos são o registro e a prova de fatos que ocorreram no Brasil e nos países do Cone Sul.

CONCLUSÃO

A partir do que foi relatado neste trabalho, pode-se concluir que as atividades realizadas no estágio com o Fundo Clamor, pertencente ao acervo do Centro de Documentação da PUC-SP, contribuem de forma ampla para uma formação interdisciplinar do aluno de Ciências Sociais, obedecendo, assim, as premissas ditadas pela Sociedade do Conhecimento.

Essa interdisciplinaridade passa pelo conhecimento teórico, tanto do ponto de vista da História do Brasil, da América Latina e mais especificamente do Comitê de Defesa dos Direitos Humanos para os Países do Cone Sul, quanto do ponto de vista da teoria arquivística, com seus princípios, funções e, mais recentemente, normas internacionais e nacionais para a descrição dos arquivos. No entanto, para além da teoria, o estágio também agrega o conhecimento da práxis arquivística, ensinando aos alunos os procedimentos necessários para o tratamento de documentos de arquivo, seja para fazer sua classificação, descrição ou preservação.

Por último, cabe aqui enfatizar que o arquivo tem a função social de resguardar a memória de seu produtor, e, portanto, dos acontecimentos que dizem respeito à sua trajetória. Neste sentido, pode-se afirmar que o ato de preservar e divulgar um acervo como o do Clamor, na visão da Sociedade do Conhecimento, é também um ato político de resistência.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ana Célia Navarro de. **Inventário do Fundo Clamor**: Organização e Descrição do Fundo Comitê de Defesa dos Direitos Humanos para os Países do Cone Sul. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. “O projeto CLAMOR: documentação e memória de um Comitê pelos Direitos Humanos no Cone Sul e o acesso à informação”. In: **Arquivos da repressão e da resistência**: Comunicações do I Seminário Internacional Documentar a Ditadura. [Livro eletrônico] / Inez Terezinha Stampa e Rodrigo de Sá Netto (orgs.). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2013. pp. 104-119. Disponível em: <http://www.an.gov.br/seminario/imagens/Arquivos%20da%20Repress%20e%20da%20Resist%20e%20Ancia.pdf>

CRUZ, Heloísa de Faria. “CLAMOR: Documentação e Memória de um Comitê pelos Direitos Humanos no Cone Sul (1978-1990)”. In: **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social**. Natal/RN: Associação Nacional de História, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370550684_ARQUIVO_CLAMORANPUHCOMPLETO.pdf

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.

LIMA, Samarone, **Clamor**: A Vitória de uma conspiração brasileira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

MORIN, Edgar, 1921- **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. – 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 128p.

ROCHA, Jan. “Memórias do Condor: como um grupo de brasileiros localizou duas crianças sequestradas pelo terro multinacional”. In: **Estadão Online**. São Paulo: OESP, 07/01/2008, 18:34 horas. Disponível em: <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,memorias-do-condor,105554>

TESSITORE, Viviane. **Arquivologia Geral**. CEDIC/PUC-SP, São Paulo, 1998 (apostila digitada).

_____. **Implantação de Centros de Documentação**: Noções Básicas. CEDIC/PUC-SP, São Paulo, 1998 (apostila digitada).